

PLANEJAMENTO DOCENTE PARA PRÁTICAS INCLUSIVAS NA SALA DE AULA: AS ABORDAGENS UNIVERSALISTAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mizael Victor de Jesus Silva ¹
Danieli Tavares ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar e analisar as potencialidades do planejamento docente e seus desdobramentos na prática pedagógica baseada nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e no Ensino Colaborativo para todos os estudantes na sala de aula comum. As reflexões críticas sobre as duas abordagens universalistas foram observadas e evidenciadas em turmas dos anos finais do ensino fundamental, no componente de Língua Portuguesa, em uma escola localizada na cidade de Mauá-SP. O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e outras abordagens universalistas, como o ensino colaborativo, têm em comum: os pressupostos de que os estudantes são únicos e diversos entre si; o ensino alcançar a diversidade; as abordagens integradas no planejamento e nas práticas de ensino e de aprendizagem na classe comum impulsionam os processos de aprendizagem e melhoram a qualidade do ensino para todas e todos. A questão central que buscamos responder implica no entendimento de como planejar a prática docente baseada nos princípios do DUA pode constituir estratégias eficazes para promover a inclusão de estudantes com distintos transtornos e dificuldades de aprendizagem na sala de aula comum? O estudo contempla autores como Mendes *et al* (2023) e Gardner (1983) para fundamentar o planejamento e as práticas inclusivas, além da interpretação e análise de uma atividade docente desenvolvida em sala, em turmas de 6º ano do ensino fundamental. A metodologia empregada foi a pesquisa-ação, envolvendo ação prática e investigação. Os resultados apontam para o reconhecimento de que as estratégias como a flexibilidade de apresentação, expressão e engajamento são fundamentais para atender a diferentes objetivos educacionais declarados pelos docentes e às necessidades individuais dos estudantes. Por fim, a pesquisa valoriza a eficácia das práticas pedagógicas inclusivas baseadas nos princípios do DUA, com destaque para a colaboração entre professores, estudantes e comunidade educativa.

Palavras-chave: Abordagens universalistas, Planejamento docente, Práticas inclusivas.

INTRODUÇÃO

A construção de uma escola inclusiva, isto é, de uma escola sem barreiras, abriga nela a compreensão e a luta para a efetivação do paradigma da educação inclusiva. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo explorar e analisar as potencialidades do planejamento docente e seus desdobramentos na prática pedagógica baseada nos princípios do Desenho Universal

¹ Estudante do 4º ano no Curso de Licenciatura em Linguagem, da Faculdade SESI-SP de Educação, mizael.jesus2@faculdadesesi.edu.br;

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Docente no Curso de Licenciatura em Linguagens, da Faculdade SESI-SP de Educação, dtavares@sesisenaisp.org.br.

para a Aprendizagem (DUA), em aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Mauá-SP. Nesse contexto, este estudo mobiliza nossa vontade de fazer das salas de aulas e das práticas docentes manifestos de aprendizagem equitativos, ambientes acolhedores, acessíveis e inclusivos.

Ao discutirmos a educação inclusiva na sala de aula comum, frequentemente associamos esse conceito aos alunos público-alvo da educação especial, às adaptações curriculares necessárias para atender a esses estudantes ou às atividades diferenciadas que os professores precisam desenvolver para aqueles que apresentam dificuldades cognitivas em aprender e em acompanhar o ritmo da turma. No entanto, essa visão reducionista não reflete o verdadeiro significado da educação inclusiva. Historicamente, muitas lacunas foram preenchidas pela falta de capacitação docente e pela escassez de pesquisas que abordassem a realidade da inclusão escolar de forma ampla e efetiva na educação básica.

Mantoan (2023, p. 16), na obra *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?*, problematiza os paradigmas de “inclusão” e “integração”, destacando que, em muitas realidades na educação básica, os termos são confundidos. A integração busca inserir alunos previamente excluídos no contexto escolar, enquanto a inclusão tem como princípio garantir que nenhum estudante seja deixado à margem do ensino regular desde o início de sua vida escolar. Assim, escolas verdadeiramente inclusivas devem estruturar-se para atender às necessidades de todas e todos estudantes, organizando o ensino, os recursos, os objetivos e as estratégias didáticas de forma equitativa e acessível.

Nessa perspectiva, é fundamental reforçar que a educação inclusiva não deve ser direcionada exclusivamente aos estudantes público-alvo da educação especial, mas sim a todos os alunos que compõem a sala de aula comum. Infelizmente, muitos educadores, por inacessibilidade às discussões contemporâneas sobre inclusão ou por dificuldades em aplicar os conhecimentos adquiridos, acabam restringindo a educação inclusiva a um grupo específico de estudantes, a especialistas ou apenas aos espaços escolares. Frente à diversidade nas salas de aula, compreender as abordagens universalistas para atender às diferentes necessidades dos alunos torna-se essencial para uma prática docente eficaz. Libâneo (2017, p. 33) ressalta que, embora a vocação seja um fator importante para a docência, a busca por fundamentação teórica e formação é indispensável para um ensino de qualidade.

Diante desse cenário, surge a problemática da pesquisa: como os professores podem planejar aulas inclusivas que contemplem as múltiplas individualidades dos alunos? Para responder à questão, esta pesquisa se fundamenta no Desenho Universal para a Aprendizagem

(DUA), proposto por Mendes et al (2023), destacando a necessidade de um currículo flexível e acessível.

O trabalho de pesquisa e o programa de formação de professores que culminaram nas cinco abordagens da obra *Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum*, de Enicéia Gonçalves Mendes *et al.* (2023), foram fundamentais para explorarmos as duas abordagens universalistas integradas nesse estudo: o Trabalho Colaborativo e a Cultura Escolar Inclusiva; o Desenho Universal para a Aprendizagem.

Portanto, este estudo busca compreender como o planejamento inclusivo, orientado pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), pode favorecer práticas pedagógicas mais democráticas e acessíveis na sala de aula comum. Organizamos as discussões a partir da metodologia empreendida na pesquisa, com a descrição e a análise de uma atividade prática; em seguida, a apresentação da fundamentação teórica necessária a esta pesquisa, ou seja, as abordagens universalistas no horizonte da educação inclusiva e do planejamento docente com o DUA e; por fim, os resultados e discussões sobre os princípios do DUA como estratégia para atender à diversidade nas escolas.

METODOLOGIA

Em complemento ao estudo bibliográfico priorizado Mendes *et al* (2023) e Gardner (1983), foi realizada uma pesquisa-ação em uma turma do 6º ano do ensino fundamental, nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola pública de educação básica na cidade de Mauá-SP, com o objetivo de analisar a transposição didática do referencial das abordagens universalistas na prática docente. A turma possui 36 (trinta e seis) alunos matriculados, dos quais 3 (três) não estão alfabetizados.

A sequência didática foi trabalhada em uma aula de cinquenta minutos e visava a construção do conhecimento acerca de um dos descritores em defasagem, de acordo com os índices levantados pelo sistema escolar mediante as avaliações externas e internas. Assim, o docente realizou seu planejamento baseado nas percepções de Mendes et al (2023) e Gardner (1983), garantindo a eficiência dos três pilares do DUA e as múltiplas inteligências.

O objetivo da aula pautava-se no eixo Artístico-Literário previsto na Base Nacional Curricular Comum (2017) que tinha como foco trabalhar a interpretação textual através da sua representação de forma imagética.

Antes de iniciar a atividade, o professor realizou perguntas para que os estudantes pudessem relembrar as classes gramaticais que foram estudadas ao longo da etapa de ensino - substantivos, adjetivos e verbos.

Depois, o docente apresentou aos estudantes um poema autoral com o título “A casa da Toupeira”, cuja composição favorece elementos para a construção, de forma lúdica, da casa da personagem toupeira. O docente realizou a leitura do poema com pausa entre as estrofes, para que os estudantes pudessem desenhar em uma folha entregue por ele aquilo que estava sendo lido e compreendido.

Os estudantes utilizaram de diversas estratégias que foram avaliadas pelo professor após a realização da atividade. Ao término das produções, o professor retomou aquilo que foi perguntado inicialmente na aula para que os estudantes pudessem responder quais foram os substantivos, adjetivos e verbos que aparecem ao longo do poema, além de outras perguntas que instiguem a interpretação satisfatória do texto e gênero textual trabalhado em aula.

Essa prática pode ser entendida como parte da pesquisa-ação. A escolha da pesquisa-ação é justificada porque é um procedimento de investigação que busca entender e transformar a realidade por meio da ação e reflexão; envolve um movimento comunicativo e participativo que favorece a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de relações de confiança; é amplamente utilizada nas ciências sociais e na educação para estudar fenômenos da vida real; permite ao pesquisador implementar um produto, serviço ou proposta em um contexto específico, visando a transformação social - no nosso caso - uma proposta de planejamento e prática inclusiva (Thiollent, 2007).

O planejamento pedagógico constituiu como um dos pilares centrais da prática docente, pois por intermédio dele, o professor organizou intencionalmente os caminhos que possibilitaram a aprendizagem. Para tanto, foi necessário que o professor conhecesse a sua turma, soubesse quais habilidades teriam que ser trabalhadas naquela aula, quais foram as potencialidades e fragilidades daquela turma e como cada aluno desenvolveu em aula - independentemente de suas particularidades.

Para que se obtivesse êxito no objetivo proposto, como parte do planejamento e da pesquisa-ação, o docente fez um levantamento de dados que possibilitou a visualização precisa do mapeamento dos estudantes em relação ao conteúdo que estava sendo trabalhado. Esse levantamento foi realizado através de uma rubrica, que facilitou a avaliação dos alunos em perspectiva da atividade. Os critérios foram estabelecidos com base na proposta da aula, no objetivo esperado para o seu cumprimento e na visão das múltiplas inteligências constituídas por Gardner (1983), conforme o quadro abaixo.

Critério	Excelente (4)	Bom (3)	Satisfatório (2)	Insatisfatório (1)
Interpretação do Poema	Interpreta profundamente o tema e os símbolos do poema.	Compreende bem o tema e parte dos detalhes.	Entende o sentido geral com limitações.	Dificuldade em compreender o poema.
Desenho	Criativo, detalhado e coerente com o poema.	Bem elaborado e relacionado ao texto.	Simples, mas parcialmente coerente.	Pouca relação com o poema.
Oralidade e Gramática	Explica com clareza as classes gramaticais.	Explica com pequenas imprecisões.	Explicação básica e limitada.	Não reconhece as classes gramaticais.
Múltiplas Inteligências	Integra várias inteligências (linguística, espacial, lógica).	Utiliza duas inteligências com coerência.	Aplica parcialmente uma ou duas inteligências.	Pouca mobilização das inteligências.
Objetivos da Atividade	Cumprir integralmente os objetivos.	Cumprir a maioria dos objetivos.	Cumprir parcialmente.	Não atinge os objetivos.

Organizado pelo autor (Silva, 2025)

Somado à proposta da rubrica, o DUA e seus princípios oferecem uma abordagem abrangente e um tipo de estrutura sistematizada porque permitem um conhecimento mais apurado das barreiras presentes no ambiente escolar e das especificidades e predileções de cada estudante. Além disso, a descrição de seu uso na abordagem metodológica apresenta diretrizes para a construção de um planejamento inclusivo, considerando o contexto da sala de aula comum e as estratégias mais eficazes para promover a inclusão dos estudantes.

Embora a figura do professor seja central nos processos de ensino-aprendizagem que acontecem na sala de aula, convém destacar que a inclusão é de responsabilidade de toda a comunidade educativa, inclusive das famílias³.

³ Atualmente, está disponível para as famílias um guia sobre a inclusão, importante para uma rede de apoio, colaboração e ação conjunta entre professores e membros das famílias dos estudantes. O guia pode ser acessado online pelo link: [1. Boas-vindas - DIVERSA](#).

REFERENCIAL TEÓRICO

As abordagens universalistas, no contexto educacional, propõem a construção de práticas pedagógicas que contemplem a diversidade dos aprendizes de forma ampla e antecipada, rompendo com a lógica da adaptação pontual e corretiva. Em vez de planejar o ensino a partir de um modelo único de aluno, essas abordagens partem do princípio de que a heterogeneidade é constitutiva da sala de aula e, portanto, deve orientar o processo de ensino e aprendizagem desde o início.

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) emerge nesse horizonte como uma proposta que busca eliminar as barreiras à aprendizagem por meio de múltiplas formas de engajamento, representação e expressão, garantindo que todos os estudantes tenham acesso equitativo ao conhecimento. Assim, o DUA se insere nas abordagens universalistas ao defender um planejamento pedagógico proativo, inclusivo e flexível, que reconhece as diferentes formas de aprender e promove a participação efetiva de todos os alunos.

Para compreender o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), é necessário revisitar sua origem, que não se encontra, inicialmente, no campo educacional. O DUA tem suas bases no conceito de Desenho Universal (*Universal Design*), oriundo da arquitetura, cujo objetivo é planejar edificações, espaços urbanos e equipamentos acessíveis a todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas. Esse conceito foi desenvolvido pelo arquiteto norte-americano Ron Mace, vinculado à North Carolina State University (NC State University, 2023).

No campo educacional, o Desenho Universal para Aprendizagem é uma abordagem pedagógica desenvolvida pelo Centro de Tecnologias Especiais Aplicadas⁴ (CAST), nos Estados Unidos, que visa garantir o acesso ao currículo e a inclusão de todos os estudantes, respeitando suas diferenças e formas de aprender.

A partir de sua criação, muitos interessados na área da educação começaram a considerá-lo como oportunidades de gerar conhecimento, de repensar a estrutura, o desenho de seus ambientes e currículos, a partir dos princípios do DUA. Contudo, de acordo com informações do portal CAST, embora os três princípios fossem úteis no começo do projeto,

⁴ Iniciado há quase 40 anos, o CAST é a organização de pesquisa e desenvolvimento educacional sem fins lucrativos que criou o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e as Diretrizes DUA, utilizados em todo o mundo para tornar o aprendizado mais inclusivo, com o propósito de eliminar barreiras na educação. Por meio do seu Centro de Tecnologia Inclusiva, o CAST apoia as escolas na criação de um ecossistema de tecnologia inclusiva, promovendo um trabalho colaborativo entre tecnologia educacional, tecnologia assistiva e tecnologia da informação. Veja mais: [Conheça o Centro de Tecnologia Inclusiva da CAST](#) e [Organização que criou DUA visa eliminar barreiras à educação](#).

pois permitem variabilidade, trabalhar somente com eles era muito abrangente, quando não vago, levantando a necessidade de mais orientações, a exemplo do acesso, apoio e função executiva⁵. Então, em 2009, foi desenvolvida a primeira versão das Diretrizes do Desenho Universal para a Aprendizagem. Sua missão, por fim, era transformar o *design* e a forma como a educação é praticada, para que nenhuma barreira impedisse qualquer estudante de aprender.

O DUA é baseado em estudos e *insights* científicos sobre como os humanos aprendem e está apoiado por evidências⁶. As diretrizes do DUA estão organizadas em três princípios essenciais: Engajamento, Representação e Ação e Expressão, que orientam o planejamento de aulas e atividades para atender a diversas necessidades educativas dos estudantes, incluindo aqueles com deficiências ou transtornos.

Em relação ao primeiro princípio, a representação, Mendes et al (2023) nos lembra de que ele se refere à forma como os conteúdos são apresentados aos alunos. É necessário que o docente realize intervenções pedagógicas que considerem as diferentes formas de mediação, como recursos visuais, práticos e conceituais, para que os estudantes possam se conectar com os conteúdos de maneira significativa e apropriada às suas singularidades.

Quanto ao princípio da ação e expressão, Mendes et al (2023) destaca a importância de possibilitar que o aluno manifeste sua aprendizagem por meio de múltiplas formas — verbais, não verbais, visuais, corporais, entre outras. Dessa forma, respeita-se a diversidade de estilos e ritmos de aprendizagem, sem impor um único modelo de expressão previamente estabelecido pelo professor.

Por fim, o princípio do engajamento deve ser especialmente valorizado pelos educadores, pois está relacionado à autonomia e à motivação dos alunos em participar ativamente do processo de aprendizagem. Como aponta Mendes et al (2023, p. 116), é por meio do engajamento que o estudante se torna protagonista de sua formação, construindo seu pensamento de forma ativa, autônoma e voluntária, o que fortalece seu senso de pertencimento no ambiente escolar.

Para que haja efeito nas práticas alicerçadas pelo DUA, torna-se necessário uma prática docente alinhada à aprendizagem inclusiva. Para tanto, as bases da formação dos professores precisam estar consonantes com o propósito do ensino a todos os alunos que estão inseridos no contexto de sala de aula comum, isso envolve alunos com as mais variadas

⁵ Para mais informações, veja: [The UDL Guidelines](#).

⁶ Para mais informações sobre as evidências, acesse: [EvidênciaELENCO](#).

dificuldades e/ou necessidades existentes, como questões socioeconômicas, mentais e/ou motoras.

Ressalta-se que o educador, neste cenário, cumpre o papel fundamental de identificação das especificidades de cada educando, e utilizar das abordagens universalistas potencializa - quando utilizada de forma assertiva - essa função de maneira mais pontual e efetiva. Partindo disso, o educador consegue ter um mapeamento claro e objetivo daquilo que ele precisa planejar para alcançar os objetivos de cada aula, como os alunos irão conseguir aprender de maneira eficiente e qualitativa, assim como irão promover as habilidades já adquiridas e desenvolver aquelas que precisam de mais atenção, e cumprir aquilo que é nomeado de aula efetivamente inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se fala em inclusão, planejar ganha ainda mais relevância, já que significa reconhecer, desde o início, a diversidade presente em sala de aula e antecipar estratégias capazes de atender diferentes estilos, ritmos e necessidades. Em vez de improvisar soluções pontuais diante das barreiras, o docente que elabora um planejamento inclusivo⁷ se compromete com a criação de ambientes de aprendizagem flexíveis e acessíveis. Nesse contexto, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) torna-se uma ferramenta valiosa, ao propor que o ensino seja pensado a partir de múltiplas formas de engajamento, representação e expressão, de modo a ampliar as oportunidades de participação de todos os estudantes.

Em vista do que foi proposto a partir das teorias aqui discutidas e da metodologia empregada na pesquisa, sistematizar o que Mendes *et al* (2023) ressalta sobre a importância da visibilidade de entender como o aluno desenvolve os seus conhecimentos através dos três princípios - representação, ação e expressão, e engajamento - também pode estar ligado aos múltiplos saberes encontrados em sala de aula.

Mendes *et al* (2023) menciona as múltiplas inteligências, desenvolvida por Howard Gardner (1983), destacando sua relevância na composição de um planejamento eficiente e significativo, pois com o complemento das múltiplas inteligências conectadas ao Desenho Universal para a Aprendizagem, o planejamento se revela mais completo e definido. O docente, tendo a ciência de qual saber o estudantes mais se aproxima ou se identifica, torna mais fácil

⁷ Para consultar informações sobre planejamento inclusivo, acesse: [Educadoras colocam planejamento pedagógico inclusivo em prática.](#)

propor atividades que gerem valores de aprendizados mais significativos, descobrindo novos caminhos⁸ para aprofundamento de algum conteúdo.

A atividade didática descrita envolve a leitura de um poema e a análise linguística a partir de elementos gramaticais, como substantivos, adjetivos e verbos, além de estimular a interpretação textual dos estudantes. Quando analisada sob a ótica do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), podemos identificar diversos aspectos que favorecem a diversidade de estilos de aprendizagem. O DUA é um modelo educacional que visa a flexibilidade no ensino, levando em consideração que os estudantes têm diferentes formas de aprender e processar as informações. Vamos analisar essa atividade com base nos três princípios do DUA: representação, ação e expressão, engajamento.

O princípio da representação (como o conteúdo é apresentado) foi contemplado nas práticas de leitura do poema com pausa e utilização de poema autoral. Em relação à leitura, a apresentação do poema de maneira pausada para que os estudantes desenhassem o que estavam ouvindo é uma estratégia importante para audição e visualização. Isso atende a diferentes estilos de aprendizagem, pois alguns alunos podem compreender melhor ouvindo, outros podem se beneficiar ao ver o conteúdo representado de forma gráfica. Quanto à utilização de poema autoral, as características lúdicas, como a “A casa da Toupeira”, ajudam a criar um ambiente mais dinâmico e atrativo para o aprendizado. Isso pode engajar alunos que se interessam por narrativas criativas e pode estimular a imaginação, favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais.

O princípio da ação e expressão (como os estudantes demonstram o que aprenderam) foi evidenciado na etapa em que os estudantes puderam expressar sua interpretação do poema por meio de desenhos. Essa atividade promoveu a autonomia e a criatividade, permitindo que cada aluno traduzisse seus entendimentos e emoções em uma linguagem visual. Assim, foram oferecidas alternativas de expressão além da linguagem escrita, valorizando diferentes modos de comunicação e produção de conhecimento. O fato de os estudantes serem convidados a desenhar a interpretação do poema oferece uma forma alternativa de expressão, além da tradicional escrita ou fala. Isso é essencial para alunos que podem ter dificuldades em expressar suas ideias apenas verbalmente ou por escrito. A opção de desenhar permite que esses estudantes ainda demonstrem sua compreensão do conteúdo de uma forma que faça sentido para eles. O professor, ciente de que alguns estudantes não estão alfabetizados, e reconhecendo

⁸ Para conhecer diferentes tipos de planos: [Plano de AEE, PEI ou PDI? Veja a diferença entre eles - DIVERSA](#).

o papel da ilustração nos modos de comunicar e expressar, apresentou possibilidades de representação do poema, o que revela uma adaptação às diversas formas de expressão dos alunos. Isso permite uma avaliação mais inclusiva, reconhecendo que cada aluno pode ter uma maneira única de demonstrar seu entendimento.

O princípio engajamento (como motivar os estudantes a aprender) foi promovido desde o início da atividade, quando o docente estimulou a ativação de conhecimentos prévios e o envolvimento afetivo dos alunos com o conteúdo, contextualizando o que será trabalhado e criando uma conexão com aprendizados anteriores. Ao iniciar a atividade com perguntas sobre as classes gramaticais estudadas anteriormente, o professor ativa o conhecimento prévio dos alunos. A proposta favoreceu a participação ativa e o interesse dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem significativo. Nesse contexto de prática, o professor atuou como mediador, incentivando o protagonismo e o envolvimento de todos no processo educativo. Além disso, o poema lúdico e a proposta de desenhar aquilo que está sendo lido são maneiras eficazes de manter os estudantes envolvidos. Atividades que envolvem criatividade e imaginação, como desenhar a casa da personagem, podem ser muito motivadoras, especialmente quando há um componente visual e artístico. Isso pode aumentar o interesse dos estudantes, mantendo-os mais atentos e participativos. Ao finalizar a atividade com perguntas de interpretação, o professor proporciona uma reflexão profunda sobre o conteúdo, ajudando a desenvolver habilidades de pensamento crítico. Esse tipo de questionamento estimula o engajamento cognitivo dos alunos e os convida a pensar de maneira mais analítica sobre o poema e suas estruturas linguísticas.

Tendo em perspectiva o processo de ensino-aprendizagem, podemos inferir que a atividade mediada pelo professor está articulada com uma avaliação que contempla os objetivos educacionais declarados. Por meio dos desenhos é possível inferir quais são as inteligências que os alunos demonstraram na atividade. Pelo viés da lógica-matemática, observamos se o estudante utilizou formas geométrica regulares e contagem dos substantivos do desenho; linguística foram percebidas através dos alunos que escreveram partes do poema no verso da folha para lembrarem ao desenhar e que responderam de forma oral aquilo que fora perguntado no término da atividade; espacial aos alunos que conseguiram ter um bom preenchimento da folha ao desenhar; interpessoal e intrapessoal foram observadas através da relação com o docente e os demais alunos da sala ao desenvolver da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade proposta demonstra forte alinhamento com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), ao incorporar uma variedade de abordagens que visam contemplar diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. A utilização de múltiplos meios de representação, ação e expressão, bem como de engajamento, contribui para garantir que todos os estudantes — independentemente de suas necessidades específicas — possam acessar o conteúdo de forma eficaz, significativa e motivadora.

A flexibilidade no desenho das atividades é um elemento-chave para o êxito dessa abordagem, pois permite que os alunos aprendam de acordo com suas preferências, capacidades e modos de processamento da informação.

Como desdobramento dessas práticas e reflexões, foi elaborado um e-book⁹ com propostas de práticas inclusivas fundamentadas no DUA, com o objetivo de apoiar professores da educação básica na construção de planejamentos pedagógicos mais acessíveis, equitativos e sensíveis à diversidade presente em sala de aula.

A rubrica e o levantamento de dados são ferramentas eficazes para promover uma avaliação formativa que leva em conta múltiplas dimensões do aprendizado dos alunos. Ao utilizar o conceito das múltiplas inteligências e uma avaliação diversificada, o docente consegue captar uma visão holística do processo de aprendizagem, engajando alunos com diferentes formas de compreensão e expressão. O objetivo é continuar buscando maneiras de tornar a avaliação ainda mais flexível e adaptável a diferentes perfis de alunos, seguindo os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem.

Estamos cientes de que essa primeira pesquisa-ação em prol de um planejamento docente inclusivo, com a abordagem do DUA, merece uma avaliação crítica que aponte elementos de melhoria. Além disso, sabemos que a turma do 6º ano partícipe nesse estudo é uma sala regular, composta por estudantes que não apresentam laudo de deficiência ou transtornos mentais.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

⁹ O arquivo pode ser acessado pelo link: https://www.canva.com/design/DAGaJ1-lMAM/-zLWSBZn7wMB5VMkjEvsRw/view?utm_content=DAGaJ1-lMAM&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utlId=hbff7278993.



CAST (Center for Applied Special Technology). **Universal Design for Learning Guidelines version 3.0**. Wakefield, MA: CAST, 2018. Disponível em: <https://udlguidelines.cast.org>. Acesso em: 15 out. 2025.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994

MONTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves et al. **Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialismos às abordagens universalistas**. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia Editora, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.